

(Transcrição da gravação)

Stuttgart, 8 de maio de 2004

## Europa unida por um mundo unido

*Jornada: "Juntos pela Europa"*

Eminências, Excelências, personalidades presentes. senhoras e senhores, amigos, irmãos e irmãs.

Durante este dia, falamos da Europa e, de modo especial, da Europa do espírito.

Vimos a contribuição que podemos dar para a sua realização por meio, por exemplo, dos Movimentos e das Comunidades espirituais ou carismáticas.

Agora, podemos nos perguntar: tendo em vista tudo o que dissemos, esgotamos o que devia emergir da Jornada de Stuttgart?

Os fundadores e pais da Europa unida não consideravam a Europa como a finalidade última do seu esforço de união. De fato, a “Declaração Schuman” afirma: «A Europa, com uma infinidade de meios, poderá continuar a realização de um dos seus deveres essenciais: o desenvolvimento do continente africano»<sup>1</sup>.

Na visão deles, a Europa é uma família de povos irmãos, mas aberta a uma missão universal. A Europa quer a própria unidade para que também possa contribuir à unidade da família humana.

A unidade da família humana...Mas propor a unidade da família humana não é talvez, poderíamos pensar, uma esperança ilusória?Eu diria que não, pois almejar um mundo unido é aquilo que os sinais dos tempos exigem. De fato, a união dos Países é, em várias partes do mundo, uma realidade já atuada, sinal de uma exigência inadiável.

Consolidam-se as relações entre Estados em todos os continentes, como a recente “União Africana”, como as “Conferências ibero-americanas” e outras realidades. Existem as Organizações internacionais com uma vocação universal, a começar pelas Nações Unidas, que tem um papel determinante para conhecer, enfrentar e solucionar, com a ajuda de todos os Países, as principais questões relativas à vida de povos e nações.

Almejar uma Europa unida para se chegar ao mundo unido pode ser, portanto, um dos objetivos finais de tudo o que fizemos aqui em Stuttgart.

Façamos, então, a seguinte pergunta: para seguir o ritmo dos tempos, de Deus e dos seus planos referentes à Europa e ao mundo, de que modo devemos proceder?

Já o comunicamos, mas é útil repeti-lo: traduzir em vida, desde já, aquela ideia-força que é a fraternidade universal, e fazer isso vivendo a “arte de amar” de que também já falamos. Essa arte de amar pode ser vivida, deve ser vivida também na política, pois é indispensável para se construir um mundo unido.

Podemos lembrar que os Movimentos carismáticos, ainda que primariamente sejam religiosos, com frequência dedicam uma atenção especial ao mundo político, envolvendo neste novo estilo de vida cidadãos, políticos de diversos partidos, funcionários, diplomatas, todos os agentes na política. O objetivo desses políticos, que aderem aos Movimentos, é viver sempre na fraternidade e, com essa base, abrir-se aos valores profundos, eternos do homem. Só depois é que eles se movem na ação política.

Para esses políticos, a escolha de trabalhar na política é um ato do amor, com o qual respondem a um chamado pessoal. Eles querem satisfazer uma necessidade social, um problema da sua cidade, os

---

<sup>1</sup> Robert Schuman, Ministro das Relações Exteriores da França, *Dichiarazione nella Sala dell’Orologio di Parigi*, 9 de maio de 1950.

sofrimentos do seu povo, as exigências do seu tempo. Quem acredita em Deus, percebe que é Ele que o chama a isso; quem não crê, responde a uma exigência humana, que ecoa na sua consciência.

O político da unidade, ainda, não se contenta em amar sozinho, mas procura levar o outro, aliado ou adversário, ao amor, porque a política é relação, é projeto comum.

Mais uma expressão da fraternidade na política é amar *a pátria alheia como a própria*. A mais alta dignidade para a humanidade seria, de fato, aquela de não se sentir um conjunto de povos em luta entre si, mas, pelo amor recíproco, um só povo, enriquecido pela diversidade de cada um e, por isso, protetor, na unidade, das diferentes identidades.

Certamente, todos esses aspectos do amor político, que realizam a fraternidade, exigem sacrifício. E, aqui, saber carregar a própria cruz é a condição indispensável. Além disso, o político é aquele que deve abraçar as divisões, as fendas, as feridas da própria gente.

Então, uma boa e eficaz conclusão da Jornada de Stutgard “Juntos pela Europa”, será aquela em que todos nós, cidadãos e políticos, façamos o propósito de começar seriamente a atuar, com a fé da criança evangélica, a fraternidade universal na Europa, em vista de um mundo unido. Sim, em vista do mundo unido!

Para essa missão, a fonte de inspiração do nosso espírito e da nossa ação é o Testamento de Jesus, a sua longa oração ao Pai antes de morrer.

Dela emerge claramente que a unidade da família humana, como parte do projeto de Deus desde a criação do mundo, é capaz de superar as evidentes divisões, não só territoriais, mas também aquelas que são fruto de escolhas políticas, de condições étnicas, religiosas, linguísticas... (Cf. 1 Cor 12). Partindo desse pressuposto, compreende-se que o Testamento de Jesus contém a semente de todo tipo de integração e unidade entre os povos: a unidade, e o método para alcançá-la: o amor recíproco. A consequência é a rejeição de toda forma de discriminação, de guerras, de controvérsias, de nacionalismos, de reivindicações do interesse nacional e a exigência de colocar à disposição de todos os povos os bens da criação como dons de Deus. É a idéia da “comunhão”, da fraternidade universal em ação.

João Paulo II, na Mensagem por ocasião do aniversário de 50 anos do final da Segunda Guerra Mundial (1995), dirigindo-se aos jovens escreveu: «A vós é confiada a missão de abrir novos caminhos de fraternidade entre os povos, para construir uma única família humana (...). Ressoe na consciência de todos este convite: amar os outros povos como o próprio».

Senhoras e senhores, irmãos e irmãs, e membros dos vários Movimentos e grupos. Um político, talvez aqui presente, nos comunicou, há algum tempo, um pensamento seu sobre esta Jornada, que gostaríamos que fosse uma esperança: «A realidade dos Movimentos – ele disse –, que percorre como um magma incandescente, mas subterrâneo, a vida do continente, deve perfurar a crosta e fazer com que o próprio fogo fique bem visível, para que a sociedade, e de modo especial o mundo político, sejam abalados e modificados. Deve ser criada uma espécie de curto circuito, que estabeleça um contato e faça com que a vida verdadeira possa condicionar a sociedade a tal ponto que não se possa mais prescindir dela. Stuttgart poderia ser essa ocasião».

Que Deus realize isso! Obrigada pela escuta.

Chiara Lubich